

de um deles, tendo sido fundamental estabelecer parâmetros complementares para cada um dos eixos. É imprescindível frisar que a organização dos conceitos apresentada por Redig, tem caráter explicativo, não sendo uma regra imposta ou determinante [1, 2].

A relação Homem – forma – utilidade, profundamente estudada por Redig sofreu transformações estruturais no último século. Historicamente, de 1920 a 1950, os produtos se pautavam pelo racionalismo e funcionalismo herdados do pensamento científico do século XVIII e XIX [6]. Conforme Löbach, até a década de 80 o Design ainda era pautado pelo funcionalismo [7]. Permanecia em cena a conhecida ‘distorção’ resultante da citação: “Forma segue Função” (tradução nossa) correspondendo a “Form follows Function” de Sullivan¹, 1896 conforme [8]. Como explica Bürdek, a frase proferida pelo ilustre arquiteto sofreu um “mal-entendido histórico”, distorcido em interpretação e textualmente (“Form ever follows Function”) [9], como se a forma só pudesse ser atribuída à função ou funcionalidade. Era usual forçar esta linha de pensamento até os anos 50. Até então, as necessidades sociais se resolviam apenas pela função prática ou técnica dos produtos (materiais, produção, ergonomia, utilização, etc.) pois negava-se ou desconheciam-se as implicações da cultura e da simbologia comunicacional dos produtos [8] (p.84-85). Entre 1950 e 1990 foram definitivamente aceitos os aspectos da emoção e da estética. Como descreve Norman, estudioso dos aspectos do Design emocional, a partir dos anos 50 percebeu-se um envolvimento do usuário com o produto, gerando uma nova percepção e enfoque; relacionando questões da usabilidade e pertinências como: emoção, prazer, lembranças, afeto, etc. além das qualidades funcionais e estéticas [10]. Após 1990, além de se basear nos fatores emocionais, o Design passou a se direcionar pela pluralidade e pelas contradições, imputações que regem a atual sociedade contemporânea globalizada.

Ao longo de 38 anos, decorridos desde a proposição de Redig, é curioso notar que sua visão sobre o Design e seus conceitos centrais

‘audaciosos’, se reafirmaram e se adequaram antropologicamente junto à crescente predominância da inovação e tecnologia, e da percepção, em distintos eixos igualmente considerados por [1]. A estrutura central de seu pensamento foi tão precisa que permanece praticamente inalterada.

As conclusões de Redig podem ter tido um caráter visionário, pois, após quase 40 anos, a economia permanece como base fundamental de construção de uma sociedade, determinando seus produtos e serviços. A ergonomia que aprimora a usabilidade dos mesmos se uniu à tecnologia. Tecnologia e percepção tornam-se parceiras, pela definição de Lévy, em que: uma sociedade inserida na pós-modernidade foi “contagiada” por cibercultura e pela virtualização do cotidiano [11]. A composição da cibercultura representa os tempos de interação, interconexão e comunidades virtuais, que “são construídas sobre afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos, em um processo mútuo de cooperação e troca” [11] (p.127), e consequentemente disseminam novos paradigmas antropológicos.

Outro padrão detectado por Redig, e que se intensificou ao longo do tempo, é o socioambiental. A ecologia, evidenciada exponencialmente desde a última década. É voltada a prioridades fora da esfera tecnológica mas compactua com a mesma para solucionar seus erros de trajeto. Economia, Tecnologia, Ergonomia, Percepção, Ecologia encontram-se alinhadas pela Antropologia. Em síntese, parece inquestionável que a espinha dorsal do Design elaborada por [1, 2] teve alicerces profundos e baseados em pesquisa e embasamento teórico profundo e concreto. Mas em que medida o eixo da Antropologia, objeto desta análise, influenciou e ainda influencia a pesquisa, a produção acadêmica e o pensamento sobre o Design, como um conceito básico? A Antropologia permaneceu como um conceito válido para o Design ao longo de 20 (vinte) anos de P&D Design, como proposto por Redig? E na condição de um alicerce estrutural para a produção teórica e científica da área?

¹ SULLIVAN, Louis: “Form follows Function”, retirado de <<http://goo.gl/GkyFMK>> <http://www.nytimes.com/2009/06/01/arts/01iht-DESIGN1.html?pagewanted=all&_r=0>. Texto traduzido pelos autores.